

Artigos

Alberto Antônio Rebonatto

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/11/2012

Título : Capadócia

Categoria: Artigos

Descrição: A Capadócia é uma pequena região da Turquia, encravada na Anatólia Central, com dimensões que nem sempre se assemelharam às atuais.

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

A Capadócia é uma pequena região da Turquia, encravada na Anatólia Central, com dimensões que nem sempre se assemelharam às atuais. A região da Capadócia tanto pode representar uma área de quinze mil quilômetros quadrados, como uma pequena gleba de terras ao sul de Ürgüp, com 20 km de lado, porque seus limites variaram ao longo dos tempos, de acordo com os historiadores que a tenham citado. É conhecida desde a antiguidade e referida pelos historiadores gregos, Estrabão e Heródoto, mas, em alguns mapas, nem é mencionada, porque não corresponde a nenhuma demarcação política. Foi habitada e explorada por assírios, hititas, persas, árabes, gregos, romanos e seljúcidas, que são considerados os antepassados diretos dos turcos. Estes a ocupam até os dias atuais. No Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, está exposto um afresco encontrado em Çatalhöyük, um povoado do período neolítico, que é, talvez, a pintura paisagística mais antiga do mundo, presumivelmente de 6200 anos a.C.

Graças aos vulcões e à ação dos ventos e dos homens, aliada à fragilidade do solo, sua topografia é tão especial que mais se assemelha a paisagens lunares.

Trata-se de uma região única do nosso planeta, com tal índice de fragilidade do solo, que permite aos ventos esculpir figuras de diversas aparências, e aos homens escavar o subsolo e nele construir residências, ruas, salas, depósitos, estábulos, templos e, até, cidades. Escavadas nas rochas, essas cidades são apontadas como a “oitava maravilha do mundo”.

O solo é vulcânico, com predominância de calcário. Ao longo das planícies, erguem-se formações rochosas de diversos tamanhos, encimadas por coberturas de rocha basáltica que se assemelham a cogumelos. Esses cones, coroados por pedras planas, são mundialmente conhecidos como “chaminés de fadas”.

Tanto podem aparecer de forma isolada como agrupadas, mostrando paisagens espetaculares e insólitas, como se tivessem sido mesmo esculpidas por mãos de fadas. Além dos passeios terrestres, são oferecidos por agências de turismo, voos de balão que propiciam maravilhosa vista panorâmica da região.

Nos morros e nas encostas, dentro das rochas calcárias, foram construídas casas, umas emendadas nas outras, separadas por pequenas vielas, que mais se assemelham a um gigantesco formigueiro. Segundo a história, essas casas formavam um refúgio seguro dos nativos, para fugirem do ataque dos inimigos e conquistadores. Em alguns casos, tornaram-se verdadeiras cidades subterrâneas, com sistema próprio de ventilação, depósitos de água e alimentos, estábulos, locais para guardar o feno, e até depósitos para vinho.

Dividiam-se em andares, cada um com finalidade própria, pré-determinada, de acordo com o planejamento de cada cidade. Tinham, também, um singular sistema de segurança: uma pedra redonda, parecida com mó de moinho, da mesma rocha, facilmente movimentada, e perfeitamente encaixada na entrada da galeria, com um dispositivo interno que funcionava como tranca e não permitia sua movimentação. Os primeiros cristãos fizeram largo uso dessas cidades, para fugir de seus perseguidores. Prova disso são as inúmeras capelas e igrejas, com pinturas e imagens ainda visíveis nos dias de hoje.

Próximo a Ürgüp, encontra-se, entre outras, a cidade subterrânea de Kaymakli, aberta à visitação pública desde 1964 e escavada entre os séculos VI e X, durante as invasões persas e árabes. Cobre uma superfície de 2,5 km², e atinge uma profundidade de 45 metros.

Possui oito níveis distintos, dos quais apenas quatro são visitáveis. As construções subterrâneas estão agrupadas próximas às chaminés, assegurando, assim, excelente ventilação. Nela tem-se a impressão de estar em um verdadeiro labirinto. Próximo às residências, há os estábulos; a ligação entre os diversos compartimentos é feita por caminhos estreitos; sepulturas foram localizadas ao lado de uma pequena igreja que, contrariando um costume generalizado, não apresenta pinturas nas paredes. As salas maiores e mais importantes estão no terceiro pavimento. Pelo tamanho dos depósitos, das salas de reuniões, dos estábulos, e pela grande quantidade de residências, deve ter sido uma cidade que abrigou uma população numerosa.

Capadócia significa “terra de belos cavalos”. Os cavalos, de tão afamados, eram ofertados a reis, como mimos especiais. Entre os reis que apreciavam e admiravam os belos animais, o mais conhecido é Dario, rei dos persas.

A Capadócia significou e significa muito para a tradição cristã. Localizada próxima às Sete Igrejas da Ásia, referidas no Apocalipse de São João, nela São Pedro fundou a primeira comunidade cristã; São

Paulo, entre os anos de 44 e 58, a visitou por três vezes; e as cidades subterrâneas foram muito ocupadas nos séculos II, III e IV, em virtude das perseguições. Lá nasceram vários santos e teólogos, como São Mamede, São Basílio Magno e São Gregório de Nissa, além de Cesário de Nanziano, Gregório de Nanziano, o Novo, e Gregório de Nanziano, o Velho. Basílio, Gregório de Nissa e Gregório de Nanziano, o Novo, são conhecidos como os “Filósofos Capadócius”.

Também João II da Capadócia, patriarca de Constantinopla entre os anos 518 e 520, nasceu na região. Ficou famoso por ter acabado com um cisma de 34 anos, entre as igrejas orientais e ocidentais, originado no Concílio de Calcedônia.

Conta uma lenda que um cavaleiro chamado Jorge, procedente da Capadócia, salvou com sua espada uma princesa que estava sendo atacada por um dragão. O referido cavaleiro disse que vinha em nome de Cristo, e que todos deveriam se converter ao cristianismo.

Por ter renegado aos deuses do seu império, foi condenado e martirizado. Mostrou tamanha fé e tanta coragem durante o martírio, que até a mulher do Mosteiro feminino de “Goreme imperador Deoclesiano teria se convertido.

Durante a Idade Média, a tradição ao culto de São Jorge espalhou-se por toda a Europa e ele foi considerado padroeiro de vários estados e reinos, como os da Inglaterra, de Aragão e de Portugal. A Cruz de São Jorge ainda está presente nas bandeiras da Geórgia, Inglaterra, Sardenha, Barcelona e Aragão, e nos brasões de Gênova e Pádua.

Hoje, Jorge não é mais considerado santo pela Igreja Católica, mas seu culto é autorizado pela tradição. Por falar em Cristianismo, merece especial atenção o Parque Nacional de Göreme, com 9576 ha, que foi considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO, em 1985. Ao lado das residências, muitas transformadas em pousadas para turistas, encontra-se um conjunto de igrejas e mosteiros de tal proporção, parecendo que o povo do lugar, a partir do século IV, esteve totalmente consagrado à vida monástica. Há quem diga que os mosteiros cristãos tiveram sua origem em Göreme. O que se sabe é que os primeiros monges cristãos habitaram as cercanias da região e que, a partir do século XI, Göreme foi um centro monástico muito importante. O primeiro mosteiro feminino de que se tem notícias, com seus quatro níveis e quatro igrejas, e demais compartimentos, está situado ao lado da porta de entrada do parque.

Não podemos afirmar que o Museu ao ar livre de Göreme tenha sido o berço dos mosteiros cristãos, mas se o foi, não poderiam ter escolhido lugar melhor.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 31/12/2008

Título : Das algemas

Categoria: Artigos

Descrição: A palavra “algemas” é originária do árabe e significa pulseira (al djamia).

Das algemas

O vocábulo “algemas” está presente, com algum destaque, na mídia nacional. A condução dos presos algemados, por parte da polícia, vem sendo objeto de debate entre juristas e leigos. Duas das mais altas autoridades do país manifestaram-se a respeito. O ministro, Presidente do Supremo Tribunal Federal, afirmou que o uso das algemas estava se transformando numa “espetacularização”, ao mesmo tempo em que o senhor Presidente da República pedia menos sensacionalismo.

A palavra “algemas” é originária do árabe e significa pulseira (al djamia). O dicionário da Academia Brasileira de Letras Jurídicas informa: “Algema: (...) pulseira de ferro empregada para manietar alguém, a fim de dificultar sua fuga, quando em transporte fora do lugar de confinamento”.

A atuação da Polícia Federal, nos dias atuais, parece ser a principal causa em torno da celeuma sobre o tema. Pelo que se pode observar, ela age com liberdade e autonomia, e investiga suspeitos em todos os segmentos sociais, inclusive os considerados “intocáveis”, como políticos, autoridades governamentais, banqueiros e magnatas. É comum a exibição na mídia de prisões, com ou sem algemas, de pessoas de notória relevância nos meios políticos e econômicos. Os melhores advogados do país são acionados e a justiça é provocada em todas as suas instâncias. Aí começam a discussão e as decisões contraditórias, porque não há legislação específica. As interpretações variam de acordo com o entendimento pessoal de cada um.

Contribuí, também, para tornar o assunto controverso, nossa tradição de deixar tudo para depois. No presente caso, a Lei de Execuções Penais, promulgada em 1984, antes, portanto, da Constituição vigente, estipulava, em seu artigo 99: “o emprego de algemas será disciplinado por decreto Federal.” E o decreto ainda não existe. Com isso, deixa-se ao arbítrio do executor a possibilidade do seu uso. Ante a inexistência de norma própria, recorre-se, algumas vezes, à legislação subsidiária, o que nem sempre é recomendável. Por outro lado, nem todos os policiais possuem a formação ou o discernimento necessários para avaliar corretamente a periculosidade de determinados presos e, conseqüentemente, o uso ou não de algemas. Penso que, antes de criticar, dever-se-ia disciplinar o assunto através de lei e, então, punir eventuais abusos. O Senado Federal está tentando aprovar um projeto, mas, até agora, foi confirmado apenas em primeira votação, na Comissão de Constituição e Justiça.

O cuidado para que os presos sejam tratados com dignidade é tradição em nosso país, desde as Ordenações Filipinas (século XVII), passando pelo Código Criminal do Império (1830), e chegando à atualidade, com o Código de Processo Penal (1941) e Constituição Federal (1988). O mesmo ocorre com tratados internacionais dos quais o Brasil é subscritor, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU e o Pacto de São José da Costa Rica (internalizado no país pelo Decreto Federal 678, de 6/11/1992).

As algemas são utilizadas pela polícia de quase todos os países do mundo. A grande pergunta é: o uso de algemas na condução de presos é um instrumento de segurança ou um ato vexatório? Uns entendem que o uso de algemas viola a dignidade dos presos e só pode ser utilizado em circunstâncias especiais; outros, que é um instrumento para ser usado, quando há periculosidade real ou presumida para o preso ou para as autoridades policiais que o conduzem, e que essa periculosidade sempre é presumida quando existe um mandado judicial. A exceção, nesses casos, é o não emprego de algemas. O assunto, como se observa, ampara várias interpretações.

O episódio que mais repercutiu foi o do banqueiro Daniel Dantas, que teve sua prisão decretada e, em curtíssimo espaço de tempo, conseguiu sua soltura por decisão do senhor Presidente da nossa Suprema Corte. Não se questiona a capacidade daquela autoridade em deferir o habeas-corpus, nem se os motivos foram justos ou não. O que chama a atenção é a celeridade com que o despacho foi exarado.

É significativo, também, na cultura jurídica brasileira, o empenho em resguardar os direitos dos delinqüentes ou suspeitos de atos ilícitos, mesmo que esses direitos não estejam perfeitamente regulamentados, como ocorre com o uso de algemas. O próprio ministro que concedeu o habeas-corpus afirmou que os “criminosos também têm direitos fundamentais”. Não questionamos os direitos dos criminosos, ao contrário, pensamos que devam ser respeitados. Uma pergunta, contudo, se impõe: será que existe a mesma preocupação em preservar o direito das vítimas ou das suas famílias? Ou será que estes são meros problemas de responsabilidade da assistência social pública ou privada?

O Supremo Tribunal Federal, em decisão recente, restringiu o uso das algemas. Segundo o entendimento da nossa mais alta Corte, algemar, doravante, só em casos excepcionais.

Como se depreende, o assunto produziu manchetes e começou a ser normatizado, quando a polícia passou a algemar pessoas de prestígio nos meios políticos e econômicos. Enquanto se algemava “lambaris”, poucos se preocupavam. Bastou pescar “tubarões”, e a celeuma esquentou, embora a súmula do STF, que ditou as normas, tenha sido exarada em julgamento de crime cometido por operário. Até o Senado da República passou a debater um projeto regulador que lá se encontrava desde 2004.

Temos esperança que, com o presente debate público, o uso das algemas seja devidamente regulamentado, para que sua utilização seja uniforme para todos os brasileiros, independentemente da sua situação econômica, do cargo que ocupam ou da sua expressão política, e que, se for considerado segurança, o seja para todos, e se for entendido como indignidade, também o seja para todos.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 30/06/2007

Título : Istambul a pérola de dois continentes

Categoria: Artigos

Descrição: Istambul é a única metrópole assentada em dois continentes, Ásia e Europa, separados pelo estreito de Bosforo, um canal natural que liga o mar de Mármara ao mar Negro, com cerca de 31 quilômetros de comprimento e 660 metros de largura, em sua parte mais estreita.

Istambul - a pérola de dois continentes

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Istambul é a única metrópole assentada em dois continentes, Ásia e Europa, separados pelo estreito de Bosforo, um canal natural que liga o mar de Mármara ao mar Negro, com cerca de 31 quilômetros de comprimento e 660 metros de largura, em sua parte mais estreita. Duas pontes unem os lados asiático e europeu da cidade. A mais antiga, a de Atatürk, foi inaugurada em 1973 e a mais moderna, a de Mehmet, em 1988. Ambas suportam um tráfego de mais de 450 mil veículos e de cerca de 1 milhão e cem mil pessoas por dia.

Poucos lugares no mundo podem se orgulhar tanto de sua história como Istambul. Não é que o acervo cultural e histórico de outras cidades seja menor ou menos importante. É que os povos que a dominaram deixaram marcas de sua passagem que ainda impressionam, seja no aspecto arquitetônico, seja no cultural, religioso ou étnico.

A ocupação humana de Istambul remonta à Idade do Bronze. Para fins históricos, no entanto, nos reportamos ao século VI a.C, quando os habitantes de Mégara, cidade situada nas proximidades do Istmo de Corinto, liderados por Byzas, se estabeleceram na região. O nome Bizâncio deriva daquele chefe megarense. Depois vieram conquistadores persas, atenienses, espartanos e galeses, até chegarem os romanos, que mantiveram um longo domínio. Trocaram até o nome da cidade, que passou a se chamar Constantinopla, em homenagem ao Imperador Constantino, e chegou a ser a segunda capital do Império Romano. Com a cisão deste, passou a ser a capital do Império Romano do Oriente. Por longo período continuou como capital do Império Bizantino. Após o assédio de árabes, genoveses, venezianos e latinos, retornou ao domínio grego e, finalmente, no século XIV, foi conquistada pelos turcos e se tornou a capital do Império Otomano, e recebeu o nome de Istambul. Com a anexação do Egito pelos otomanos, se tornou a sede do califato e o centro do mundo muçulmano. A cidade teve 36 sultões, até que Atatürk, o reunificador da Turquia, proclamou a república e transferiu a capital política para Ancara.

Istambul jamais perdeu sua identidade como capital da arte bizantina e como uma das capitais religiosas do mundo. Tanto é que, com a divisão da Igreja Católica, o cristianismo do Oriente elegeu Istambul como sede do patriarcado da Igreja Ortodoxa.

Apesar dos séculos que separaram o domínio romano da conquista otomana, ainda podemos admirar muitas obras deixadas pelos romanos. Dentre elas, citamos as famosas Muralhas de Constantinopla, erguidas pelos imperadores Constantino, o Grande, e Teodosio II, ainda visíveis em boa parte de sua extensão, que originariamente tinha 14 quilômetros, inúmeras portas e muitas torres de proteção e observação.

A antiga Catedral de Santa Sofia, (o nome Santa Sofia não tem conotação com qualquer santa cristã. Significa Divina Sabedoria. Por causa disso é que, embora construída por cristãos, continuou com o mesmo nome quando mesquita e museu, sob o domínio dos turcos, que em sua quase totalidade são islâmicos) hoje museu de Santa Sofia, é, sem sombra de dúvidas, a mais importante obra arquitetônica da era bizantina. Erguida em sua forma atual pelo Imperador Justiniano, foi igreja por 916 anos, mesquita por 481 anos e, desde 1935, é museu. Conta a lenda que o imperador Justiniano tinha pretensão de construir um templo maior que o de Jerusalém, erguido por Salomão e que, depois de pronto, teria exclamado orgulhoso: "Salomão, te superei.". Ainda hoje, se igreja fosse, seria a quarta com maior área coberta do mundo, perdendo apenas para a de São Paulo, em Londres, São Pedro, em Roma e II Duomo, em Milão. Mede 5750 metros quadrados de área, e sua cúpula, uma das 5 mais altas

do mundo, atinge 55,6 metros. Luxuosíssima, nela encontramos mármore da Antioquia, granito retirado do ginásio do porto de Efeso, colunas do templo de Apoio, do Líbano, eladrilhos e telhas da ilha de Rodes. Foi erguida em 5 anos e 10 meses e nela trabalharam mais de cem mil operários. A responsabilidade da construção recaiu sobre Anthemio de Tralles e Isidoro de Mileto.

O Imperador Justiniano também se notabilizou pela Cisterna De Yerebatan. Embora sua arquitetura se assemelhe mais a uma catedral do que a um reservatório de água, é o maior e o mais importante entre os sessenta construídos na época bizantina. Com uma área de 10 mil metros quadrados, comporta 80 mil metros cúbicos de água. Seu teto mede 8 metros de altura e é sustentado por 336 colunas, distribuídas em 12 fileiras de 28 colunas cada uma. A distância entre uma coluna e outra é de 4 metros. Sua construção data do ano de 532 d.C. O armazenamento de água era comum na região, devido à escassez do produto e ao péssimo costume de envenenar as nascentes na época das guerras. Hoje a visitação é aberta ao público, em passarelas especialmente construídas, ao som de belas músicas e com sugestivo visual de luzes. Anteriormente o acesso era por barcos.

Iniciado pelo Imperador Sétimo Severo e inaugurado por Constantino, o Grande, o Hipódromo Romano também tem um belo legado. Em forma retangular, medindo 400 x 150 metros, perde em tamanho apenas para o Circo Máximo de Roma. Destinado à prática de esportes, foi, também, palco dos principais acontecimentos da história bizantina. Em seu interior ainda se pode admirar o obelisco egípcio com mais de 3.500 anos, trazido do templo de Karnack, em Luxor. Todo em granitorosa, pesa cerca de 300 toneladas e sua altura é de 20 metros. Originariamente, media 32,5 metros, mas 12,5 metros foram cortados para que pudesse ser transportado. De Delfos, Constantino também trouxe a coluna de serpentes, das quais hoje se pode ver tão somente o corpo, de vez que as cabeças foram saqueadas e se encontram, uma no Museu Britânico, outra no Museu de Istambul e a terceira desaparecida.

No Hipódromo, também a Coluna de Constantino, com seus 32 metros de altura, merece ser destacada. Toda em pedra, cobre e bronze, foi saqueada ao tempo das Cruzadas e parcialmente destruída pelo terremoto de 1894.

No final do século XIV, vieram os otomanos e lá permanecem até os dias atuais. Primeiro, com seus sultões, seus palácios e suas mesquitas. Modernamente, com sua República. Foram eles que lhe deram o nome de Istambul. Ao que parece, os turcos vieram para ficar.

Nada menos do que 2800 mesquitas estão em pleno funcionamento na cidade, com seus magníficos minaretes apontando para o alto, sempre a convocar os fiéis para as cinco orações diárias. Seria imperdoável não visitar e não referir a mais famosa delas, a MESQUITA AZUL, mandada construir durante o reinado do Sultão Ahmet I. É a maior e a mais suntuosa de Istambul. É a única de toda a Turquia e de todo o mundo islâmico que possui 6 minaretes, perdendo apenas para a de Meca, que possui sete. Consta que Ahmet I mandou acrescentar mais um minarete na Mesquita Sagrada de Meca para demonstrar que esta era superior à sua. A Mesquita Azul possui cinco entradas principais e 260 janelas. Em anexo foi construído também um complexo sócio-religioso, que compreendia, entre outras coisas, um centro comercial de artesanato, uma escola islâmica, uma fonte, um abrigo para peregrinos, além de magníficos jardins. Sua cúpula de 23,5 metros de diâmetro e 43 metros de altura, encima a nave central, que mede 51x53 metros. Do lado de fora se encontra o belíssimo jardim e a fonte para a ablução dos crentes.

Dentre os palácios, destacamos o de Topkapi, que era a sede administrativa do Império Otomano. Cinco quilômetros de muralhas o rodeiam e suas dimensões, entre construções e jardins, são de tal natureza que comportariam dois estados do Vaticano e a metade do Principado de Mônaco. No palácio viviam 5 mil pessoas que recebiam, por sua vez, cerca de 5 mil visitantes por dia. Suas cozinhas

preparavam em média 20 mil refeições diárias. Só o harém do palácio possui 300 quartos, 46 banheiros, 8 salas de banhos turcos, 4 cozinhas, 2 mesquitas, 6 dispensas, uma piscina e um hospital. Inacessível ao mundo exterior, todas as necessidades eram supridas no próprio harém. Somente a família do Sultão e alguns serviços, normalmente eunucos, a ele tinham acesso, além dos médicos, professores e músicos, em determinados dias da semana.

Os turcos sempre foram e continuam sendo mercadores por excelência. Em Istambul não é diferente. Por toda a cidade se encontram lojas, magazines, tendas e vendedores ambulantes. Quase tudo é objeto de compra e venda. Pelo que me foi dado a observar, em nenhum outro lugar do mundo a "pechincha" é tão valorizada. Se você compra algo e paga o primeiro preço solicitado, o vendedor não deixa de fazer o negócio, mas o faz sem entusiasmo. Agora, se você "pechincha" e regateia muito, você ganha no preço e recebe como recompensa algo de valor inestimável: o sorriso e a expressão de felicidade do vendedor.

Em Istambul se concentra 40% do comércio da Turquia. Boa parte se desenvolve no Gran Bazar, o maior mercado do mundo, que ocupa uma área de 35 ha., com nada menos do que 80 ruas. Nele funcionam mais de 3.500 lojas, sem contar outras 500 ou mais que se estabeleceram junto ao Mercado. É visitado diariamente por mais de meio milhão de pessoas e emprega cerca de quinze mil funcionários. Possui dezoito portas de entrada e é decorado em seu interior com um multicolorido impressionante. Sua especialidade é o ouro. Supõe-se que, entre os joalheiros do mercado estejam em oferta, permanentemente, dez toneladas do valioso metal.

Uma infinidade de outras mercadorias também é comercializada no Mercado, desde pequenas lembranças até produtos mais sofisticados como jóias em marfim, prata e ônix, tecidos, tapetes e confecções. Costuma-se dizer que o Mercado é "uma cidade fundada para o comércio". Sua história remonta ao início da era bizantina. Foi evoluindo com o tempo. Sua forma atual não tem mais do que um século, mas já foi centro comercial, centro financeiro e mercado de escravos. Viveu e continua vivendo tudo o que se relaciona ao comércio.

Considerada capital cultural da Turquia, Istambul concentra 1200 escolas primárias, 900 secundárias e 12 universidades. O povo é alegre e receptivo. A cidade é muito bonita e o seu exotismo lhe empresta um cunho místico de tal intensidade que parece transportar o turista para um mundo encantado, descrito nos contos das mil e uma noites, repleto de sultões poderosos, magníficos harens e belíssimas odaliscas.

Falar sobre a história, os palácios, as mesquitas e igrejas de Istambul demanda tempo e espaço. Nossa intenção foi dar uma pequena noção da sua grandiosidade. Visitá-la, além de um agradável passeio, é uma inserção nos meandros históricos que marcaram passos importantes na evolução da humanidade.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte n°5

Data : 30/11/2013

Título : Michael Bakunin

Categoria: Artigos

Descrição: Michael Bakunin nasceu em 30 de maio de 1814, em Prjamichino, na Rússia. Foi um respeitável líder no processo de organização dos trabalhadores e dos camponeses, comparado ao próprio Karl Marx,...

ALBERTO A. REBONATTO

Michael Bakunin nasceu em 30 de maio de 1814, em Prjamichino, na Rússia. Foi um respeitável líder no processo de organização dos trabalhadores e dos camponeses, comparado ao próprio Karl Max, com a diferença de que este era comunista e Bakunin, anarquista. Karl Max defendia um estado socialista, comandado por trabalhadores, visando a criação de uma sociedade sem classes sociais e com a ausência total da iniciativa privada em qualquer meio de produção e, Bakunin, preconizava uma sociedade sem classes e sem Estado, baseada na liberdade dos indivíduos com responsabilidade, na solidariedade, na autodisciplina e na substituição da propriedade individual pela propriedade coletiva. Embora ambos defendessem a teoria socialista, sustentaram por anos uma verdadeira guerra ideológica em torno do assunto. Karl Max chegou a considerar Bakunin “persona non grata” na Associação Internacional de Trabalhadores. No final, a vitória sorriu para o marxismo com a implantação do comunismo na Rússia e em vários outros países do leste europeu. A cisão histórica e definitiva entre o comunismo e o anarquismo aconteceu em 1872.

Michael, de família aristocrática, nobre e rica, quando jovem, como era praxe entre as elites russas, entrou para o exército e chegou a atingir o oficialato. Avesso a qualquer tipo de disciplina impositiva, não suportou o regulamento militar e, em pouco tempo, trocou a farda pelos livros. Dedicou-se com afinco ao estudo dos ensinamentos dos filósofos alemães Kant e Fichte, além de debater, com vasto conhecimento e raro brilhantismo, os textos de Hegel. Tornou-se figura proeminente nos meios acadêmicos de Moscou e São Petersburgo.

Ainda ao tempo de estudante, dedicou-se à tradução de livros e artigos avulsos de filósofos alemães, iniciando, assim, sua carreira de escritor. Em sua cruzada revolucionária, passou a conviver com Alexander Herzen e Nicholas Ogarev, dois combativos agitadores políticos russos da época, que o influenciaram e lhe indicaram um novo rumo para a sua vida. Segundo ele confessaria mais tarde, “foram eles que abriram meus olhos para o mundo da pobreza e da desigualdade na Rússia do Czar.”

Com 26 anos, abandonou a Rússia e foi para Berlim, onde se integrou aos hegelianos de esquerda. Em 1842, escreveu o texto “Reação na Alemanha”, um libelo contra o governo do Czar, o que lhe fechou as portas da Rússia. Aí começou sua vida de nômade revolucionário. Participou de movimentos liderados por grupos de intelectuais de esquerda na Alemanha (Berlim, Dresden e Leipzig) e na França (Paris e Lyon), agindo, também, na Suécia, Japão, Estados Unidos, Inglaterra, Polônia, Itália e outros países.

Foi expulso da França e refugiou-se na Alemanha, onde acabou preso e condenado à morte, mas teve a pena comutada para prisão perpétua. Algum tempo depois foi deportado para a Rússia, onde o Czar confiscou todos os seus bens e o confinou na Sibéria, num campo de serviços forçados. Fugiu e, após idas e vindas por vários países, refugiou-se na Itália, onde dividia a maior parte do tempo entre Nápoles e Florença. Foi na Itália que assumiu definitivamente sua ideologia anarquista, fundando clubes secretos e escrevendo panfletos como “Palavras para a Juventude – princípios da Revolução” e “Catecismo do Revolucionário”. Foi, ainda, na Itália que lançou raízes anárquicas profundas e conseguiu vários seguidores de expressão, como Malatesta e Cafiero. Naquele país, também, fez sua última investida revolucionária: a tentativa de revolta de Bolonha, malograda, a exemplo das anteriores. Seus últimos anos foram vividos na Suíça, onde faleceu em 1º de julho de 1876.

Além das obras já citadas, deixou “Deus e o Estado”(1871), “O Status de um Estado e a Anarquia”(1873) e os “Escritos contra Max”.

Bakunin era dotado de uma inteligência acima da média e de uma visão humanística admirável, especialmente considerando-se a época em que viveu. Abstráida a parte utópica da organização política prevista por ele para a sociedade, encontramos, no “Catecismo do Revolucionário”, escrito em 1865, em Nápoles, e publicado em março de 1866, princípios humanísticos realmente admiráveis. Ensinou, por exemplo, que a “mulher, diferente do homem, mas não inferior a ele, inteligente, trabalhadora e livre como ele, deve ser declarada, em todos os direitos políticos e sociais, semelhante a ele.” Para termos uma noção do grande significado do ensinamento de Bakunin, basta dizer que um dos exercícios da cidadania para o sexo feminino - o direito ao voto - só foi implantado no Brasil em 1932, nos Estados Unidos, em 1920 e na França, em 1944, para citar alguns dos países do mundo, considerados democráticos. Ainda nos dias atuais – falamos apenas dos países ocidentais – a mulher não conseguiu a igualdade preconizada por Bakunin, tanto no campo social, como no econômico. Ainda convivemos com diferenciação salarial entre homens e mulheres que executam as mesmas tarefas e cultivamos alguns preconceitos em relação ao exercício de algumas atividades pelas mulheres. Ensinava, também, que “do momento em que uma mulher engravida até o momento em que dá à luz, ela tem o direito a uma subvenção por parte da sociedade”. Olhando apenas para o nosso Brasil, só recentemente conferimos à mulher grávida dispensa remunerada do trabalho, “auxílio natalidade” e licença remunerada pós-parto.

No campo social esposava princípios que nos fazem pensar. Dizia, por exemplo, que “sem igualdade política não há liberdade política real, mas a igualdade política só se tornará possível quando houver igualdade econômica e social”. A igualdade “não implica o nivelamento das diferenças individuais, nem a identidade intelectual, moral e física dos indivíduos”. Em outras palavras, existem diferenças individuais que precisam e devem ser respeitadas.

Sua visão de organização política nacional e internacional apresenta modelos que merecem a atenção da sociedade moderna, mesmo em se tratando de normas editadas há mais de um século. Por exemplo, ele ensina que a “base de toda a organização política de um país deve ser a comuna, absolutamente autônoma, representada sempre pela maioria dos votos de todos os habitantes, homens e mulheres maiores, em igualdade de condições.” Para integrar-se livremente a uma província, a comuna deve adaptar-se às leis e à organização dessa mesma entidade, para formar uma verdadeira comunidade regional. O importante é que tudo comece de baixo. A pedra fundamental é a comuna, por ela deve passar e para ela devem reverter todos os benefícios da sociedade organizada seja no campo econômico, seja no campo social, porque a “província não deve ser nada mais do que uma federação das comunas e a nação apenas uma federação de províncias.”

Foi com ensinamentos dessa natureza que Bakunin conseguiu manter-se vivo até os nossos dias, como uma fonte de sugestões que podem contribuir para uma visão mais harmônica da sociedade atual, tanto no aspecto da convivência entre cidadãos, como no respeito que deve existir entre os países.

(Alberto A. Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : Patriotismo

Categoria: Artigos

Descrição: Patriotismo significa amor à Pátria. A maneira de demonstrá-lo varia de acordo com os costumes e a educação de cada povo.

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Patriotismo significa amor à Pátria. A maneira de demonstrá-lo varia de acordo com os costumes e a educação de cada povo. No Brasil, essa demonstração de amor se sublima na Semana da Pátria que, normalmente, culmina com um desfile do qual participam segmentos da sociedade, estudantes e instituições civis e militares.

Sabemos que a Semana da Pátria não é a única maneira de mostrar patriotismo, mas é uma delas. Será que continua a mesma de algumas décadas atrás? Quem tem mais de 30 anos sabe que não. E o pior, está em acentuado declínio. Hoje, dá para afirmar que a Semana da Pátria se resume ao dia 7 de setembro, mais precisamente, ao desfile. Nada de bandas, de público ou de entidades nos demais dias. Nada de participações populares, nas cerimônias de hasteamento e de arriamento da bandeira, ou na guarda de honra ao Fogo Simbólico. Abstraindo a Semana da Pátria, que outras demonstrações de patriotismo ocorrem nos demais dias do ano? Será que nas escolas o ensino do civismo faz parte do currículo regular? Será que ainda se hasteia a Bandeira e se cantam hinos pátrios nos colégios?

Professores relatam que horas cívicas são esporádicas, e que alguns alunos nem sempre mantêm postura condizente com a importância e o respeito que o ato cívico merece. Que imagem alguns jogadores de futebol, que defendem a nossa seleção, transmitem ao povo brasileiro, com sua atitude durante a execução do Hino Nacional?

Patriotismo é muito mais do que louvação à Bandeira, desfiles e cantos pátrios. Patriotismo é trabalho, é honestidade, é respeito às leis e às autoridades constituídas e, acima de tudo, é solidariedade. Patriotismo, por exemplo, é o que fazia o Sargento Alberi Lima dos Santos, que preenchia as horas vagas de muitos meninos da nossa cidade com a saudável prática do esporte. Lembro que, em determinada ocasião, fui assistir a um torneio promovido por ele, para inaugurar ternos de camisetas que haviam sido ofertados por entidades locais.

Foi uma cena comovente. Ao som do Hino Nacional os meninos, alguns de camiseta nova, outros, de camisa comum, alguns de tênis ou chuteiras, outros, com simples chinelos de dedo, mas todos perfilados em posição respeitosa, cantavam com entusiasmo o nosso Hino maior. Ao redor do campo, adultos, alguns pais ou parentes daqueles meninos, sem valorizar o ato, assistiam à cerimônia com posição corporal desleixada, conversando e fumando, formando um contraste chocante. É verdade que não eram todos, mas a maioria. Será que desaprendemos amar o nosso Brasil?

Sabemos que, recentemente, o país passou por mudanças. Saiu de um regime de exceção para um estado democrático. Parece que essa transição, na área educacional, está merecendo alguns reparos. Por exemplo, foi abolido dos currículos escolares o ensino de Educação Moral e Cívica (EMC) e de Organização Social e Política Brasileira (OSP). É verdade que, nos 20 anos de ditadura, tais disciplinas visavam adaptar o sistema educacional aos objetivos políticos e ideológicos do regime: trabalhador é para trabalhar, estudante para estudar, professor para ensinar, e assim por diante, sem atentar para o direito que cada um tinha de pensar e agir livremente. Esse modelo teve, também, influência estrangeira, por basear-se nos acordos MEC-USAID firmados com a Agência Norte-Americana de Desenvolvimento, que oferecia apoio financeiro e técnico, aos países que seguissem os princípios educacionais elaborados por ela. Só entre os anos de 1964 a 1968, foram assinados 12 acordos.

A redemocratização do país, com o pretexto de modificar a orientação cívico-educacional, simplesmente aboliu dos currículos escolares as disciplinas de EMC e de OSPB, sem substituí-las por outros com conceitos mais condizentes com a democracia conquistada.

Esta parece ter sido a principal causa da aparente letargia cívica que tomou conta das gerações que se seguiram. E é essa letargia que precisamos sacudir.

Há urgente necessidade de pregar a volta do sentimento de amor à Pátria, e da demonstração pública desse amor, tanto nas escolas como nas famílias. Não vejo melhor maneira do que reiniciar pelos pequenos. Pode ser através do retorno das aulas de EMC e OSPB, com as mudanças necessárias, ou de outro modo mais apropriado. O que é imprescindível e inadiável é ensinar patriotismo aos pequenos para que o assimilem e cultivem ao longo de toda a sua existência. Não aquele patriotismo impositivo, que tinha como lema “Brasil, ame-o ou deixe-o”, mas o verdadeiro sentimento patriótico, que poderia adotar como lema “Brasil, ame-o e respeite-o!”

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Teatro Amazonas – um monumento à arte

Categoria: Artigos

Descrição: Situada na confluência dos rios Negro e Solimões, Manaus, hoje, é a maior cidade do norte do Brasil, com cerca de dois milhões de habitantes.

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Situada na confluência dos rios Negro e Solimões, Manaus, hoje, é a maior cidade do norte do Brasil, com cerca de dois milhões de habitantes. Quem a visita e constata a quantidade de problemas que enfrenta, dificilmente consegue imaginar que há pouco mais de um século, foi uma das cidades mais fulgurantes do cenário brasileiro e sul-americano. Os problemas, com pequenas variações, são os mesmos de todas as metrópoles.

Foi fundada em 1669 e adotou diversos nomes ao longo de sua história, prevalecendo como definitivo o nome de Manaus. A partir da segunda metade do século XIX, adquiriu importância graças ao ciclo da borracha, e passou de uma simples cidade encravada no coração da Amazônia, a um centro econômico e cultural de grande expressão.

No limiar do século XX, contava com cerca de 100 mil habitantes. Suas ruas e avenidas eram largas e retas, com calçadas revestidas de granito e lioz importados de Portugal. Os monumentos e jardins espalhavam-se por toda a parte.

A moeda corrente era a libra esterlina e o francês era a língua mais falada. A elite econômica não se limitava a comprar as roupas nas principais metrópoles do mundo; mandava, também, lavá-las e engomá-las em Lisboa.

Era o auge do ciclo da borracha. O porto era equiparado aos mais movimentados do mundo. Os navios partiam abarrotados da “bevea brasiliensis”, para atender à insaciável demanda que a industrialização crescente da Europa e Estados Unidos exigiam. E voltavam carregados das mais requintadas iguarias, de todas as partes do mundo. Entre 1850 e 1910, Manaus respirava luxo e ostentação. Até jornais impressos em inglês, alemão e francês circulavam pela cidade. Edificações de grande porte, como o Palácio do Governo, o Liceu e a Biblioteca Pública, destoavam das construções locais, onde predominavam os pequenos sobrados e os luxuosos palacetes.

No plano artístico não era diferente. Da mesma maneira que as iguarias e as obras de arte, Manaus importava, também, do Velho Mundo, a peso de ouro, o que de mais requintado era exibido no meio artístico e cultural. Faltava, no entanto, um palco digno para abrigar as grandes apresentações teatrais da época. Exibiam-se espetáculos realmente grandiosos, os melhores e mais caros que a Europa produzia.

Em 1881, surgiu a ideia de dotar Manaus de um local seletivo, que congregasse, ao mesmo tempo, os requisitos de beleza, solidez e longevidade. Em 1882, foi sancionada pelo Presidente da Província, a lei que previa a aplicação de 250 contos de réis, para edificar a obra, cuja pedra fundamental só seria lançada em 1884. O projeto original logo foi abandonado para adotar outro, elaborado pelo Gabinete de Engenharia de Lisboa, ao custo de 500 contos de réis. A opulência podia financiar grandes empreendimentos.

A previsão era de uma construção rápida. Mas, uma aliança informal, forjada por políticos e construtores, retardou a conclusão da obra, com o intuito de elevar seus custos. Finalmente, o teatro foi terminado e sua inauguração marcada para 31 de dezembro de 1896. Embora solenemente inaugurado, ainda carecia de complementos, especialmente na área interna, que só foram ultimados ao longo de vários anos.

Na construção foram empregadas telhas vidradas, compradas na Alsácia, grades de ferro para os camarotes, produzidas em Paris, de onde vieram, também, os balcões, a armação da cúpula e os móveis estilo Luiz XV. Da Itália foram trazidos mármore, escadas, pórticos, estátuas, colunas, lustres e espelhos de cristal, vasos de porcelana e candelabros.

O vigamento de aço das paredes veio de Glasgow, e as telhas vitrificadas, de Marselha. As ferragens – escadas, gradis, bancos, mesas, estatuetas, colunas e cadeiras - foram adquiridas na famosa casa parisiense, Koch Frères.

Internamente, o teatro foi dotado do que havia de mais belo e suntuoso. O salão nobre é considerado o mais completo acervo pictórico do país, em termos de pintura ambiental. Afrescos, tapeçarias, painéis, esculturas e pinturas de forro, ornaram todo o seu interior. A alegoria intitulada “Glorificação das Belas-Artes na Amazônia” é considerada o mais primoroso trabalho de pintura de forro existente no Brasil.

Chama atenção a imensa abóboda que encima a construção. Sem correlação com o espaço arquitetural, foi edificada apenas para tornar o Teatro Amazonas uma obra única, sem igual.

O requinte atingiu tal proporção que o calçamento, ao redor do teatro, foi construído com paralelepípedos, unidos por uma substância de látex, para evitar que o ruído das rodas das carruagens perturbasse o espetáculo. O teatro comporta 800 lugares.

Tamanha era a pujança econômica e cultural manauara, que na cidade foi fundada, em 1909, a Universidade Federal do Amazonas, a mais antiga do País. Lamentavelmente, como diz o adágio popular, tudo o que teve um começo terá um fim. Assim aconteceu com o ciclo da borracha amazônica, cuja decadência iniciou por volta de 1910, com a entrada, no mercado mundial, da borracha produzida pelos ingleses no Oriente.

Acontece que, em 1876, uma expedição, chefiada por Henry Wickan, apropriou-se de mudas de seringueira e plantou-as na Malásia. Em 10 anos, a produção de Cingapura tornou-se cinco vezes maior do que a amazônica, porque na Amazônia o cultivo era o tradicional, proporcionado pela própria natureza, e, em Cingapura, foi utilizada a melhor tecnologia disponível no cultivo dos seringais. A competição tornou-se desigual, com prejuízo para a borracha amazônica, o que ocasionou a derrocada da até então majestosa e pujante cidade de Manaus.

Do período do Eldorado manauara, restaram alguns monumentos. Entre eles, o Teatro Amazonas, verdadeira obra de arte, em pleno coração da selva amazônica.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)